

# luxúria

emiliano fittipaldi

Tradução de Carlos Aboim de Brito

# ÍNDICE

PRÓLOGO	9
1. O HOMEM NEGRO DE FRANCISCO	15
2. OS INTOCÁVEIS	57
3. O SISTEMA	129
4. O LOBBY GAY	179
ÍNDICE DOS NOMES	231

## PRÓLOGO

Estou retido numa cadeira de costas altas no tribunal de justiça do Vaticano, a dois passos do ático de Tarcisio Bertone, quando me vem à memória um telefonema da minha mãe. Um domingo de manhã ensolarado, há alguns meses. Respondo ao telemóvel enquanto tento permanecer em equilíbrio numa escada apoiada numa oliveira ainda por desfolhar.

“Emiliano, sou a mamã... O Papa Francisco está na televisão. Está a dizer que és um ladrão... O que tramaste tu!?”

“Fica tranquila, mãe. Não roubei nada...”

“O que estás tu a fazer?”

“Estou a apanhar azeitonas, mãe...”

Bergoglio tinha explicado apenas à multidão do *Angelus* reunida na praça de São Pedro que “roubar aqueles documentos é um delito, um ato deplorável que não ajuda”. Com aqueles documentos limitara-me a publicar um livro, *Avareza*. O livro levava-me ao sítio onde estou agora. Ao tribunal de Deus.

Desvio o olhar para o meu advogado, depois para o promotor de justiça que dá início ao requisitório final. Tem uma

voz quente, de barítono. Agradou-me de imediato, desde o primeiro interrogatório. Está a recordar ao tribunal e ao público de jornalistas que divulguei papéis reservados e, desse modo, cometi “delitos contra a pátria”. “A pátria” é o Vaticano.

“A Fittipaldi contestamos a participação moral pela divulgação dos documentos...” Participação moral, é o que diz.

Ouçõ o sermão da acusação com o assento colado a um banco de madeira, onde colocaram os cinco. Os acusados. O banco tem uma saliência à altura da quinta ou sexta vértebra torácica, obrigando-nos a permanecer com a coluna direita diante dos magistrados de acusação e dos juízes do colégio. A segunda opção possível, para descansar de vez em quando, é dobrar os joelhos, com os cotovelos nas coxas a fazer de alavanca.

É o início de julho, e mesmo à sombra da grande abóbada de Miguel Ângelo sofrem-se 35 graus. O grau de humidade é tropical, o típico dos últimos verões. “O que faço eu aqui?”, pergunto-me, fazendo votos para que o suor não ensope a camisa branca, alastrando para lá das axilas. “Por que razão ninguém toca nos cardeais, que vivem a poucos metros desta sala?”

Tenho vindo a folhear há algum tempo novos documentos reservados, escutas das procuradorias italianas e estrangeiras, autos de comissões internacionais. Estou a ter encontros com padres e monsenhores que me relatam que, além dos escândalos económicos, nem sequer acabaram os sexuais. Que os “*atti contra sextum*” de sacerdotes que infringem o sexto mandamento, “não fornicar, não cometer atos impuros”, estão na ordem do dia. Que se nas sagradas escrituras a doutrina homófoba permanece idêntica, um *lobby gay* interno continua a gerir empreitadas e carreiras. Que bispos eméritos, como o de Messina, bem pregam, mas depois tornam-se herdeiros universais no testamento dos seus amantes. Que os abusos sobre

os mais pequenos não são de facto um fenómeno superado e que nos primeiros três anos do pontificado de Bergoglio chegaram à Congregação para a doutrina da fé 1200 denúncias de abusos “verosímeis” sobre rapazinhos e meninas de todo o mundo. Relatam, sobretudo, que muitos encobridores não foram punidos, mas sim promovidos. Que o cardeal George Pell, número três do Vaticano, é investigado por ter posto as mãos em dois rapazinhos que o denunciaram, já como adultos. Antes de ser chamado a Roma por Francesco, fotografias e documentos australianos assinalam que no passado acompanhou e defendeu em tribunal um sacerdote molestatador em série, ajudou economicamente predadores sexuais que acabaram na prisão, enviou uma carta a uma rapariguinha violentada por um seu prelado em que se dizia que, ou aceitava 30 mil euros como ressarcimento e a coisa acabava ali, ou a Igreja ir-se-ia defender “incansavelmente” das acusações, embora Pell soubesse que eram verdadeiras. Trinta mil euros: quando o património financeiro e imobiliário da sua velha diocese, descobriu eu, tem um valor de 1300 milhões de dólares.

Pell é um dos cardeais do C9, o grupo restrito de cardeais que aconselha o Santo Padre sobre a reforma e a gestão da Igreja universal. Com ele está Óscar Rodríguez Maradiaga, um dos homens mais ouvidos por Bergoglio. Entre 2002 e 2003 albergou numa das dioceses sob o seu controlo o padre foragido Enrique Vásquez, um prelado acusado pela polícia de Costa Rica por abusos sexuais e perseguido em vão pela Interpol durante quase cinco anos por grande parte do continente americano. Com eles está também o cardeal Francisco Javier Errázuriz, que durante anos encolheu os ombros face às denúncias que lhe chegavam das vítimas de um maníaco, o padre Fernando Karadima, ao qual chegou mesmo a prometer uma grande festa pelo seu adeus ao sacerdócio.

“Fittipaldi contribuiu para reforçar o propósito da revelação das notícias...”, continua o promotor. Sorrio.

Nos últimos meses foram favorecidos e confirmados monsenhores cúmplices do silêncio, que protegeram e esconderam luxúria e delitos. Em Espanha. Na Lombardia. Na América do Sul. Na Sicília. Outros, incrivelmente, foram indultados pelo espírito santo: Mauro Inzoli, poderoso padre de Comunhão e Libertação, condenado a mais de quatro anos por um magistrado italiano que identificou uma centena de pecados capitais, “não obstante a Santa Sé não se ter dado ao trabalho de me fornecer os autos”, retomou o seu posto. Não sabemos porquê: o Vaticano recusou-se a entregar à magistratura qualquer documento. Motivo: “Estão sob segredo pontifício.” Como os de milhares de outros salteadores com o colarinho eclesiástico.

Comissões *ad hoc*, declarações severas do pontífice, novos regulamentos, mas ainda hoje, a Santa Igreja Romana (e a Conferência episcopal italiana) não obriga bispos e sacerdotes a denunciar às autoridades civis os padres luxuriosos e criminosos.

A dois passos do banco de carvalho onde sou julgado voltou a viver também monsenhor Carlo Maria Viganò, o “moralizador”, que um relatório americano indica como organizador do ocultamento das práticas sexuais de um bispo emérito, famoso por ser um feroz *antigay*. Também é da casa Bertone, que há alguns anos indultou um padre pedófilo que tinha abusado de duzentas meninas e meninos deficientes, justificando o “não” a um processo canónico pela “dificuldade de provar tal delito e pela dificuldade que têm os surdos-mudos de fornecer provas e testemunhos sem agravar os factos, tendo em conta tanto as limitações inerentes à sua deficiência como a distância dos factos no tempo”.

Aqui trabalha igualmente o cardeal Domenico Calcagno, confirmado por Francisco como poderoso presidente da APSA,

não obstante, como demonstram documentos sequestrados pela procuradoria de Savona, tenha deixado um maníaco sexual livre de andar de um oratório para outro, como uma raposa numa capoeira. Nas ruas por detrás deste edifício encontra-se frequentemente Timothy Dolan, chefe da Conferência episcopal dos Estados Unidos e grande eleitor de Bergoglio, aquele que pagou de 2005 a 2015 cerca de 2,1 milhões de dólares a sociedades de *lobbying* com o objetivo de bloquear a aprovação de uma proposta de lei do Estado de Nova Iorque que prevê a abolição da prescrição sobre os crimes sexuais: um padre que em 2007 pediu e obteve do Vaticano que escondesse num *trust* mais de 57 milhões de dólares para defender os cofres da sua diocese de então de pedidos de ressarcimento.

Também é recebido aqui com todas as honras Philippe Barbarin, cardeal francês que admitiu ter acreditado na boafé de um seu sacerdote obcecado pelos menores que lhe jurara “não o fazer mais”: Barbarin deixou-o na paróquia durante sete anos, confiando-lhe tarefas sem nunca o denunciar. E está o cardeal Godfried Dannels, amigo íntimo de Francisco, escutado quando aconselha um rapaz abusado a não gritar o seu caso aos quatro ventos, e a consolar-se “procurando o perdão”.

Por mais alguns minutos estarei também eu. “No entanto, a presença e a influência desenvolvidas por Fittipaldi não surgem como certas e conclamadas... Pelo que pedimos a absolvição. Por insuficiência de provas.” O promotor volta a compor a dragona da toga, faz uma bola de uma folha com os apontamentos e senta-se de novo, exausto. Estamos todos: o ar condicionado não funciona como devia e a saliência atrás da coluna não dá tréguas.

Algumas horas depois, os juízes absolvem-me por “defeito de jurisdição”. A Igreja livra-se do empecilho sem sequer

entrar no mérito das acusações: após nove meses de polémicas nas televisões de todo o mundo, dizem que nem sequer podia ser processado. O delito, se alguma vez o houve, deveria ter sido julgado em Itália.

Quando saio do tribunal de Francisco, a abside muito branca de São Pedro quase me cega. É evidente que o dia se tornará ainda mais quente. “Terei de comprar um ventilador”, penso, “para trabalhar duramente sem sufocar”. O meu novo livro, *Luxúria*, ainda não terminou.

# 1.

## O HOMEM NEGRO DE FRANCISCO

E Jesus disse: “Por sua vez, aquele que escandaliza um só destes pequenos que acreditam em mim, seria melhor para ele que lhe pendurassem ao pescoço uma mó puxada por um burro e fosse lançado aos abismos do mar.”

MATEUS 18, 6

**E**mma e Katie Foster não podiam imaginar que os copos de Coca-Cola que o padre Kevin lhes oferecia entre uma lição de inglês e uma de geografia nos jardins da escola elementar católica do Sagrado Coração as iriam conduzir à destruição, levando daí a alguns anos Emma ao suicídio e Katie a passar o resto da vida numa cadeira de rodas.

O padre Kevin O’Donnell já tinha visto as duas meninas, quando ainda frequentavam o infantário de Oakleigh, um subúrbio de Melbourne, na Austrália. A escola em que Anthony e Christine Foster tinham matriculado os filhos situava-se a poucos metros de distância da igreja onde o pároco vivia e dizia a missa. O padre Kevin era o diretor da escola há alguns anos e costumava flunar para cima e para baixo pelos corredores. Distribuía sorrisos e acariciava as cabecinhas, mas por detrás dos óculos as pupilas moviam-se velozes para descobrir as presas escondidas nas salas; só alguns anos depois Christine se recordará de que o padre gostava de sentar-se no banco diante

do campo de jogos para observar as crianças que brincavam no recreio. Enquanto elas corriam umas atrás das outras nos escorregas, ele aguardava o momento adequado. Para dar início à caça.

Estamos em meados dos anos oitenta, e o velho padre é patrão e senhor do Sagrado Coração. Um homem respeitado por professores e tutoras que lhe confiam os pequenos sem demora. Um padre homenageado por pais e contínuos da escola que reconheciam a sua dimensão ética, a sua autoridade moral. Nenhum deles suspeita que o padre Kevin já violentou uma dúzia de rapazes e que a sua carreira de orco em série prossegue imperturbável durante cerca de trinta anos graças ao silêncio amedrontado e envergonhado a que submeteu as vítimas e ao código de silêncio dos seus superiores que — não obstante os testemunhos e queixas que por vezes punham em causa a sua integridade — geralmente preferiram virar-se para o outro lado, deixando que O'Donnell fosse de tempos a tempos transferido de uma paróquia para outra para travar as conversas de alguns contestadores solitários.

Quando vê pela primeira vez Emma e Katie treparem pelos cubos de madeira do parque da escola, Kevin é já um dos pedófilos em série mais prolíficos da história do continente australiano. Os Foster conhecem bem a escola católica e o prelado que a dirige, e estão convencidos que as suas filhas e o terceiro filho inscrito há pouco tempo, Aimee, estão em segurança, como entre duas almofadas. As primeiras suspeitas só surgem alguns anos depois, quando as raparigas já estão nos ciclos básicos da mesma escola.

É o ano 1995. Christine organizou há pouco tempo a festa do décimo terceiro aniversário de Emma, quando ao pequeno-almoço os seus olhos pousam quase por acaso num artigo de um jornal local. É o título que lhe corta a respiração: «Padre

O'Donnell é investigado pela polícia do Estado de Victoria», escreve o jornal, porque foi acusado de ter abusado de doze rapazinhos. Delitos que são confirmados pelo padre pessoalmente, que em agosto é preso e despeja imediatamente o saco: “Abusei de onze rapazes e de uma rapariga, todos entre os oito e os catorze anos de idade. Comecei a agredir as crianças em 1946, a última vez aconteceu em 1977”, explica no interrogatório. Mente, como sempre fez. Hoje sabemos que a sua batida nunca terminou.

Quando Christine pergunta às meninas se alguma vez foram objeto de atenção por parte do diretor, ambas negam. Mas algumas semanas depois, enquanto todas as mães do Sagrado Coração começam a interrogar os filhos para perceber se tinham sido abusados no passado, Emma deixa subitamente de comer. A comida da refeição permanece no prato e a agulha da balança começa a pender rapidamente para a esquerda. Em junho de 1995, a pequena acaba pela primeira vez no hospital, onde lhe é diagnosticada uma grave forma de anorexia e depressão. Em setembro a rapariguinha admite diante do médico de família que alimenta instintos suicidas e já ter tentado acabar com a vida com uma *overdose* de analgésicos: é internada de urgência numa secção de psiquiatria para adolescentes. Antes do Natal tentará suicidar-se mais duas vezes.

No início de 1996, depois de uma terceira *overdose* de analgésicos, a psiquiatra de Emma explica ao pai Anthony que a filha “estava a mostrar todos os sintomas de alguém que tinha sido sexualmente abusado”. Um outro psicólogo consultado é mais preciso: “Tenho a certeza que ela foi realmente abusada”, lê-se no primeiro relatório sobre o caso Foster publicado pela Royal Commission do governo de Camberra em 2014, e no grande inquérito nacional pedido pelo executivo para investigar milhares de casos de pedofilia do clero católico. “Na realidade, o seu comportamento sugere que foi violentada repetidamente.”

A mãe não quer acreditar. Não consegue perceber como e onde um maníaco pode ter abusado da filha. É quase por acaso, durante um passeio, que descobre a verdade. “Sabes, mamã, que esta Coca-Cola não embebeda como aquela que nos dão na escola? Essa atordoava-me, fazia-me doer os ouvidos e sentia um ruído doloroso. Esta é boa.” Alguns dias depois, Anthony Foster telefona a um oficial da polícia que está a seguir o caso de O’Donnell, o qual confirma as suspeitas e lança a família no abismo: “Sim, parece que Kevin deu a beber a muitas das suas vítimas bebidas em que dissolvera qualquer género de droga. É certamente parte do seu *modus operandi*.” E desliga.

No dia 27 de março de 1996 os senhores Foster recebem um telefonema da clínica psiquiátrica, que os informa que Emma tentou suicidar-se pela enésima vez, cortando as veias, e finalmente revelou a uma enfermeira que lhe estancava o sangue dos pulsos que tinha sido violada pelo velho diretor de sotaina. O relatório da Comissão relata as palavras da pequena, repetidas diante de uma psicóloga. “Recordo-me que havia uma porta com o símbolo do duche, por detrás do palco da sala paroquial. O padre Kevin levou-me para trás dessa porta, fez-me sentar sobre os seus joelhos e fez-me coisas terríveis.” Passados alguns dias, também Katie, a mais pequena, conta que tinha sido abusada. No infantário. “Pelo padre Kevin.”

Para a família é o início de um pesadelo, do qual nunca mais irão despertar: por causa dos abusos, a depressão e o alcoolismo começam a minar a psique das duas adolescentes. Emma, a mais velha, morreu em 2008 com vinte seis anos, sozinha, no seu quarto, matando-se com uma *overdose* de heroína. Katie, a mais nova, que tinha começado a beber para tentar esquecer os abusos sofridos, quando estava sob o efeito do álcool, foi atropelada por um automóvel tresloucado em maio de 1999. Um incidente que a obriga a estar hoje numa

cadeira de rodas, com danos no cérebro que exigem cuidados vinte quatro horas por dia.

### *Sem piedade*

**M**as o velho caso Foster ainda não está concluído e hoje ameaça atingir o coração do Vaticano. Porque o fantasma de Emma e as ações legais da Royal Commission agitam, no momento em que escrevemos, as noites do cardeal George Pell, o braço direito do Papa Francisco, o chefe da pasta da Secretaria de Economia. Na linha hierárquica, Pell é desde 2013 o número três da Santa Sé, a seguir ao pontífice e ao secretário de Estado Pietro Parolin. Uma nomeação feita diretamente por Francisco, que chamou o “Ranger” australiano de Sidney para moralizar a corrupta cúria romana e avançar com a reforma das estruturas económicas do Vaticano.

Ninguém disse a Francisco que Pell era há algum tempo muito criticado na pátria-mãe e que já no passado tinha estado na mira dos investigadores por casos ligados à pedofilia. Efetivamente, em 1995, o atual cardeal era auxiliar do arcebispo de Melbourne, Thomas Little, cujo cargo ocupará no ano seguinte: é Pell quem gere na primeira pessoa o escândalo dos pedófilos australianos nas últimas duas décadas. O homem que organizou um protocolo de ressarcimento destinado às vítimas, o Melbourne Response, que segundo a investigadora Judy Courtin “foi na realidade um sistema projetado para controlar as vítimas, conter os abusos e proteger a Igreja. Um formulário que serviu para minimizar os crimes, ocultar a verdade, manipular, intimidar e explorar as vítimas”.

Folheando os milhares de páginas da Royal Commission, as provas inéditas pela acusação e pela defesa, as cartas secretas da diocese e os interrogatórios dos sacerdotes e das famílias, parece que os detratores do cardeal tinham alguma razão, e que o Papa Francisco escolheu, como seu principal homem de confiança, o padre errado.

A gestão da tragédia dos Foster é emblemática. Voltemos a 1997, quando os pais das pequenas Emma e Katie decidem aderir à Melbourne Response de modo a obter justiça, pelo menos num plano civil e de ressarcimento: efetivamente, o padre O'Donnell morreu imediatamente após a saída, depois de quinze meses de prisão, sem que a polícia tivesse conseguido sequer incriminá-lo pelas violências sobre as irmãs de Oakleigh.

A 18 de fevereiro de 1997, o senhor e a senhora Foster, com a pequena Emma, sentaram-se no sofá da sua sala. Chá e bolinhos prontos na mesa. Esperam uma visita importante. O arcebispo, depois de um tempo de hesitação, acabou por aceitar visitá-los. Para organizar o encontro foram necessários meses de negociações: inicialmente, o “Ranger” não queria de modo algum enfrentá-los pessoalmente. “Se visito a família Foster, depois deverei visitar também os outros. O meu tempo é muito limitado. Por que não de ser diferentes dos outros casos?”, perguntou de facto aos seus advogados numa carta inédita de 18 de novembro de 1996, na qual se mostra muito preocupado de criar um precedente para as outras famílias destruídas pelos crimes de dezenas de padres que a polícia tinha identificado em investigações sistemáticas em todo o Estado.

A Royal Commission reconstrói o colóquio, definido por Pell como “um dos mais difíceis da minha vida”. “A senhora Foster recordou que o marido”, escrevem os juízes de

Camberra no relatório preliminar, “disse ao arcebispo Pell que consideravam o protocolo Melbourne como uma tentativa de poupar dinheiro por parte da Igreja católica em detrimento das vítimas. A senhora Foster contou que o arcebispo disse: ‘Se não concordas com o que estamos a fazer, leva-nos a tribunal.’” Nos dias seguintes, continuam os juízes, Pell aceita encontrar-se não só com os Foster, mas também com outras vítimas de O’Donnell. Mas “estes encontros não ajudarão os Foster e os outros. Ficaram com a sensação que as suas preocupações, que obviamente eram fundadas, não tinham sido adequadamente tomadas em consideração pela Igreja. Durante o encontro a senhora Foster recorda que foi feita uma pergunta sobre alguns conhecidos pedófilos que ainda estavam em funções nas paróquias de Melbourne, e que o arcebispo Pell respondeu: ‘É tudo uma bisbilhotice, enquanto não houver provas em tribunal; e eu não dou ouvidos a mexericos.’”

Não foi por acaso que Anthony Foster disse à Comissão que, face ao horror da sua tragédia, Pell teria revelado “uma falta de empatia de tipo sociopático, que caracterizou a atitude e as respostas da hierarquia da Igreja”. Quando dava estas respostas aos comissários que o interrogavam em finais de 2012, o pai de Emma e Katie nunca poderia imaginar que Pell se tornaria daí a poucos meses um dos homens mais poderosos do Vaticano. Quem sabe se teria conseguido conter as lágrimas se o tivesse sabido. “Há perguntas simples que nos fazemos, questões morais: por que razão os restos do padre O’Donnell conservados na cripta da igreja do cemitério de Melbourne ainda são honrados? Por que existe uma lápide em sua memória na nossa paróquia? Por que é tão difícil para a Igreja destituir um padre que violou crianças durante mais de trinta e um anos, crimes de que ele próprio se declarou culpado?”

Pell foi interrogado quatro vezes pela Royal Commission. A última em março de 2016, em videoconferência a partir de Roma. “Admito que posso ter utilizado a palavra ‘mexerico’, é minha convicção que cada denúncia de abuso deve ser adequadamente estudada”, explicou em 2013. “Não é oportuno pedir aos sacerdotes que se afastem simplesmente porque alguém refere os seus nomes, por exemplo, num encontro público. Os Foster? Não tinha motivo para duvidar que O’Donnell tivesse abusado de Emma, no encontro com eles a minha intenção era ouvir a sua história e procurar ajudá-los. Não consegui. Lamento.”

Na realidade, não é verdade que o cardeal Pell tenha realmente procurado ajudar os Foster. Quando, em março de 1997, a família decide utilizar o Melbourne Response inventado pelo novo arcebispo, inicia-se de facto um braço de ferro que depressa se transformará numa guerra total. Desenvolvida com armas psicológicas e legais. À pequena Emma – principal vítima e necessitada de cuidados médicos dispendiosos – Pell, a 25 de agosto de 1998, envia uma carta, acompanhando-a com a oferta formal de ressarcimento formulada pelo advogado de confiança da diocese, Richard Leder. Como ressarcimento de todas as violências, são oferecidos à pequena 50 mil dólares australianos. Equivalentes a 30 mil euros. “A indemnização é oferecida pelo arcebispo a Emma na esperança que possam ajudar a sua recuperação e fornecer uma alternativa realista a um contencioso legal, no qual nos iremos defender incansavelmente.” Ao lerem diversas vezes a carta, os Foster sentem que a raiva os invade. Bloqueando-lhes o estômago, sufocando-lhes a garganta: 30 mil euros para encerrar definitivamente a questão, a ameaça – em caso de recusa – de “defenderem-se incansavelmente” face a pedidos mais consonantes aos danos e às violências. A carta sintetiza perfeitamente a filosofia de Pell

face aos atos impuros dos sacerdotes, que parece centrar-se na mera redução do dano. Não no dano sofrido pelas vítimas e pelas famílias. Não: é a Igreja que deve ser preservada. A todo o custo. Na imagem, naturalmente, e na carteira. “De um ponto de vista legal não creio que uma companhia de transportes ou os seus dirigentes possam ser considerados responsáveis, no caso de um dos seus camionistas oferecer uma passagem a uma rapariga para depois violentá-la”, reforçou Pell durante uma audiência da Royal Commission em agosto de 2014, comparando os sacerdotes pedófilos aos motoristas de transportes e a Santa Igreja Romana a uma empresa de transportes internacionais que, diante dos horrores dos seus padres, deve ser considerada como “juridicamente não suscetível de acusação”. Uma frase que ainda hoje choca Nicky Davis, um dos representantes das organizações das vítimas: “Pell revela não ter nenhum conceito do que é um comportamento apropriado e inapropriado, do que é importante dizer às vítimas. Revela preocupar-se apenas em proteger-se a si mesmo e procurar desculpas para comportamentos imperdoáveis.”

Uma convicção, a da intocabilidade da Igreja católica, em que Pell insiste repetidas vezes diante dos juízes, que lhe perguntam por que razão, como arcebispo, queria “defender-se incansavelmente” face aos legítimos pedidos de uma família destruída: “Admito que tenha sido uma expressão pouco feliz, mas creio que determinadas expressões são lidas de maneira não ofensiva. Com a frase queria dizer que se a questão fosse levada a tribunal, a Igreja teria certamente tomado em consideração a hipótese de utilizar todos os meios de defesa a que tem direito qualquer cidadão ou organização da Austrália”, disse Pell em 2014. Os inquiridores da Comissão, depois de terem interrogado também o advogado Leder, consideram hoje o tom da carta como um pouco cristão “pegar ou largar”:



St. Patrick's Cathedral  
Melbourne VIC 3002

26 August 1998

Ms Emma Foster  
REDACTED  
OAKLEIGH VIC 3166

Dear Ms Foster,

You will be aware that in October 1996 I announced a range of initiatives to respond to allegations of sexual abuse concerning the Archdiocese of Melbourne. At that time, I apologised sincerely and unreservedly, on behalf of the Catholic Church, to both the victims and more generally to the people of the Melbourne Archdiocese, for the betrayal of trust perpetrated upon them. I also expressed my regret that it had taken the Church a long time to come to grips successfully with these issues.

I understand that, based on findings made by the Independent Commissioner, your claims have been considered by the Compensation Panel. The Panel has provided me with a recommendation, which I accept, and this letter is accompanied by a formal offer made on my behalf.

The Archdiocese seeks to address the issues of sexual abuse of minors and adults in a professional, caring and appropriate manner. In addition, the Church has implemented procedures aimed at preventing any recurrence of sexual abuse, and is confident that these initiatives will go a long way towards addressing this issue, which has shocked all in our community.

Unfortunately we cannot change what has happened in the past. You may never be rid of the memories or the hurt. Services such as those provided through Carelink can assist you in your recovery. The payment of compensation raises difficult and complex issues. It is my hope that my offer, based on the Panel's recommendation, will be accepted by you as a preferable alternative to legal proceedings and that it too will assist you with your future.

On behalf of the Catholic Church and personally, I apologise to you and to those around you for the wrongs and hurt you have suffered at the hands of Father Kevin O'Donnell. Whether or not you choose to accept the enclosed offer, I offer you my prayers.

Yours sincerely in Christ,

A handwritten signature in cursive script that reads "George Pell".

ARCHBISHOP OF MELBOURNE

La lettera di accompagnamento alla proposta risarcitoria per la famiglia Foster firmata da Pell.



31 August, 1998

Partner  
Richard Leder (03) 9672 3489

Mr & Mrs A Foster  
REDACTED  
OAKLEIGH VIC 3166

Our reference  
RAL/ROMA5455-001

Dear Mr &amp; Mrs Foster

**ARCHDIOCESE OF MELBOURNE  
- OFFER OF COMPENSATION TO MS EMMA FOSTER**

As you know, we act for Archbishop Pell and for the Catholic Archdiocese of Melbourne. We note that an application to the Compensation Panel established by Archbishop Pell for ex gratia compensation in relation to sexual abuse has been made by Ms Emma Foster.

The Archbishop established the Compensation Panel to provide an alternative to the pursuit of legal proceedings. We are aware that the Panel's operation has been criticised on the basis that amounts it can recommend are less than applicants such as Emma believe that they might obtain if they pursued legal proceedings to success. However, you and Emma should consider the offer as a genuine attempt by the Archbishop to provide an alternative to litigation.

The compensation offer, together with the services that remain available through Carelink, are offered to Emma by the Archbishop in the hope that they will assist her recovery and provide a realistic alternative to litigation that will otherwise be strenuously defended. Importantly, it is also hoped that Emma will in time be able to put the abuse she has suffered behind her, and focus on the future. Enclosed is a personal letter to Emma from the Archbishop. We note that His Grace has also met with you personally on prior occasions.

The Compensation Panel has recommended to the Archbishop that Emma be offered the maximum amount of compensation, which is \$50,000. Enclosed for your information is a copy of a letter from the Chairman of the Panel to the Vicar General containing the recommendation.

In accordance with the procedures established by the Archbishop, we are instructed to offer this amount to Emma. If she wishes to accept it, it is proposed that the amount will be placed in a trust fund, to be jointly administered by you and

BOURKE PLACE 600 BOURKE STREET MELBOURNE VIC 3006  
GPO BOX 9923, VIC 3001  
TELEPHONE (03) 9672 3800 INT +613 9672 3800 FAX (03) 9602 5544  
DX 336 MELBOURNE

SYDNEY

MELBOURNE

BRISBANE

PERTH

CANBERRA

GOLD COAST

LONDON

La lettera ai Foster dell'avvocato del cardinale Pell: si propone un risarcimento per la figlia abusata di 30 mila euro.



31 August 1998  
Mr & Mrs A Foster

Page 2

**ARCHDIOCESE OF MELBOURNE  
- OFFER OF COMPENSATION TO MS EMMA FOSTER**

the Archdiocese, until Emma's 18th birthday. At that time, Emma will have the choice of ratifying her acceptance of the compensation offer and signing a document releasing the Archbishop from all further claims arising out of the sexual abuse or any other sexual abuse by a priest, religious or lay person under the control of the Archbishop of Melbourne. You will note however that treatment and counselling through Carelink is unaffected.

Alternatively, if Emma does not ratify her acceptance of the compensation offer, the trust will be wound up and the funds returned to the Archdiocese. In that event, Emma's rights will be unaffected by the fact that the application for compensation was made.

If Emma rejects the offer now, she and you will remain bound by the terms of the application for compensation form and in particular, may not disclose or rely upon this offer which is, of course, put on a without prejudice basis.

As appears from the enclosed letter from David Habersberger to the Vicar General, we are aware that in March 1998 you met with Carelink and raised various issues. You will, we trust, recognise that the structure put in place by the Archdiocese in relation to victims of sexual abuse contemplates that medical and counselling issues are administered through Carelink. Subject to that, all other claims, requests and issues are intended to be addressed by means of the ex gratia compensation payment. To that end, it is intended that if Emma accepts the \$50,000 compensation offer, the payment of that sum and the signing of a release by Emma in due course will finalise all matters, with the exception, of course, of those dealt with by Carelink.

Nevertheless, the Archbishop has asked that we reiterate what we understand was conveyed to you by the Compensation Panel, namely that if you have any specific requests, not covered by Carelink or by the compensation payment, you should approach Richard Leder of this office.

It might be of some comfort to you if we reiterate what Bishop Hart said in his letter to you of September 1997, namely that for the duration of the operation of Carelink, medical, psychological and related professional care will continue to be provided to Emma through Carelink, subject to Carelink's ordinary requirements, including an annual review of her progress. If Carelink is disbanded at any future time, appropriate alternative arrangements will be made. Where appropriate, claims should continue to be made by you and Emma on Medicare and on private health insurance.

M/305008



31 August 1998  
Mr & Mrs A Foster  
**ARCHDIOCESE OF MELBOURNE**  
**- OFFER OF COMPENSATION TO MS EMMA FOSTER**

Page 3

Would you please advise us in due course whether Emma wishes to accept the offer. Assuming that she does, and as indicated above, it will then be necessary for a deed of trust to be prepared.

If you have any queries please do not hesitate to contact the writer.

Yours faithfully  
**CORRS CHAMBERS WESTGARTH**

A handwritten signature in dark ink, appearing to read "Richard Leder", written over a horizontal line.

**Richard Leder**  
Partner

encl

26 de agosto de 1998  
Menina Foster  
**EXPURGADO**  
OAKLEIGH VIC 3166

Exm.<sup>a</sup> Menina Foster,

Decerto estará ao corrente de que, em outubro de 1996, eu anunciei uma série de iniciativas com o intuito de dar resposta a alegações de abusos sexuais respeitantes à Arquidiocese de Melbourne. Nesse momento, eu lamentei sinceramente e sem quaisquer reservas, em nome da Igreja católica, às vítimas, e, de forma mais abrangente, à população da Arquidiocese de Melbourne, pela traição da confiança perpetrada sobre eles. Expressei também o meu arrependimento pela exagerada demora por parte da Igreja em encarar satisfatoriamente estas questões.

É meu entender que, baseando-se nas conclusões tiradas pelo Comissário Independente, as suas reclamações foram tidas em conta pelo Painel de Compensação. O Painel forneceu-me uma recomendação, que eu aceito, e esta missiva é acompanhada por uma proposta formal da minha parte.

A Arquidiocese procura fazer face às questões de abuso sexual de menores e adultos de uma forma profissional, atenciosa e apropriada. Adicionalmente, a Igreja implementou procedimentos com vista à prevenção de quaisquer recorrências de abuso sexual, e está confiante de que estas iniciativas serão um grande avanço no sentido de fazer face a esta questão, que a todos chocou na nossa comunidade.

Infelizmente não nos é possível alterar o que aconteceu no passado. Com certeza, poderá nunca vir a ultrapassar as memórias ou a dor. Serviços tais como os prestados pela Carelink poderão assisti-la na sua recuperação. O pagamento de uma compensação levanta questões difíceis e complexas. É minha esperança de que a minha oferta, baseada na recomendação do Painel, será aceite por si como alternativa preferencial em relação a procedimentos legais e que a mesma poderá vir a assisti-la em relação ao seu futuro.

Em nome da Igreja católica e pessoalmente, eu lamento, a si e a todos os seus, pelos males e a dor que sofreram às mãos do padre Kevin O'Donnell. Quer opte ou não por aceitar a oferta inclusa, é para si que eu ofereço as minhas orações.

Do seu, sinceramente em Cristo,  
ARCEBISPO DE MELBOURNE

A carta de acompanhamento da proposta de ressarcimento para a família Foster assinada por Pell.

31 de agosto de 1998

**EXPURGADO**

Sr. e Sr.<sup>a</sup> Foster  
OAKLEIGH VIC 3166

Exm.<sup>os</sup> Sr. e Sr.<sup>a</sup> Foster,

ARQUIDIOCESE DE MELBOURNE – PROPOSTA DE COMPENSAÇÃO  
PARA A MENINA FOSTER

Como sabe, nós atuamos em nome do Arcebispo Pell e da Arquidiocese Católica de Melbourne. É do nosso conhecimento de que um requerimento dirigido ao Painel de Compensação estabelecido pelo Arcebispo Pell para compensação *ex gratia* foi submetido pela Menina Emma Foster.

O Arcebispo instituiu o Painel de Compensação com o intuito de fornecer uma alternativa à persecução de procedimentos legais. Estamos ao corrente de que o trabalho do Painel tem sido alvo de crítica na base em que os montantes recomendados são inferiores aos que a Emma crê serem possíveis de obter no caso de ser bem-sucedida pelas vias legais. Todavia, os senhores e a Emma deveriam considerar a proposta como uma tentativa genuína da parte da Arquidiocese como uma alternativa ao procedimento judicial.

A proposta de compensação, em conjunto com os serviços que permanecem disponíveis através da Carelink, é oferecida à Emma pelo Arcebispo na esperança de que venha a assisti-la na sua recuperação e a fornecer uma alternativa realista ao procedimento judicial, que será, por outro lado, defendido exaustivamente. Não menos importante, é também esperado que a Emma, com o tempo, venha a ser capaz de ultrapassar os abusos que sofreu e a concentrar-se no futuro. Anexada, para a Emma, vai uma carta do Arcebispo. Chamamos à atenção para o facto de Sua Graça se ter reunido pessoalmente convosco em ocasiões anteriores.

O Painel de Compensação recomendou ao Arcebispo que seja proposta à Emma o montante máximo de compensação, \$50,000. Anexada, a título informativo, vai uma cópia de uma carta do Presidente do Painel dirigida ao Vigário-geral contendo a recomendação.

A carta aos Foster do advogado do cardeal Pell: é proposto um ressarcimento para a filha abusada de 30 mil euros.

31 de agosto de 1998

Página 2

Sr. e Sr.<sup>a</sup> FosterARQUIDIOCESE DE MELBOURNE – PROPOSTA  
DE COMPENSAÇÃO PARA A MENINA FOSTER

Em concordância com os procedimentos estabelecidos pelo Arcebispo, temos instruções no sentido de propor este montante à Emma. Se for seu desejo aceitá-lo, é proposto que o montante seja colocado num fundo fiduciário, a ser administrado em conjunto por vós e pela Arquidiocese até ao dia em que a Emma completar 18 anos. Nesse momento, a Emma terá à escolha ratificar a sua aceitação da proposta de compensação e assinar um documento em como liberta a Arquidiocese de quaisquer acusações com origem em abuso sexual ou qualquer outro abuso sexual por parte de algum padre, pessoa religiosa, ou leiga, sob a alçada da Arquidiocese de Melbourne. Todavia, chamamos à atenção de que tratamento e aconselhamento através da Carelink não serão afetados.

Em alternativa, se a Emma não ratificar a sua aceitação da proposta de compensação, o fundo fiduciário será levantado e os fundos reverterão para a Arquidiocese. Nessa situação, os direitos da Emma não serão afetados pelo facto de o requerimento ter sido submetido.

Se a Emma rejeitar a proposta agora, ela e os senhores ficarão submetidos aos termos do requerimento de compensação e, em particular, não poderão revelar ou reclamar com base nesta proposta, que é, claro, apresentada sem que isso implique a perda de quaisquer direitos legais.

Como é aparente pela carta dirigida por David Habersberger ao Vigário-geral, que anexamos, estamos ao corrente de que, em março de 1998, se reuniram com a Carelink e levantaram várias questões. Estamos em crer que reconhecerão que a estrutura montada pela Arquidiocese em relação às vítimas de abusos sexuais contempla a administração das questões médicas e de aconselhamento por parte da Carelink. Submetido a isto, é suposto todas as outras reclamações, requerimentos, e questões, serem abordadas por via do pagamento de compensação *ex gratia*. Com esse fim em vista, é intenção de que, se a Emma aceitar os \$50,000 da proposta de compensação, o pagamento desse montante e a assinatura do documento de aceitação por parte da Emma em tempo devido porão fim a todas as questões, com exceção, claro, daquelas que são responsabilidade da Carelink.

Ainda assim, a Arquidiocese pediu-nos que reiterássemos aquilo que nós entendemos ter-vos sido transmitido pelo Paineil de Compensação, nomeadamente que, em caso de terem quaisquer pedidos específicos, não cobertos pela Carelink ou pelo pagamento de compensação, devem dirigi-los a Richard Leder, neste gabinete.

Deverá vir a ser de algum conforto se reiterarmos o que o Bispo Hart disse na carta que vos dirigiu em setembro de 1997, nomeadamente que, durante todo o tempo em que

31 de agosto de 1998  
Sr. e Sr.<sup>a</sup> Foster  
ARQUIDIOCESE DE MELBOURNE – PROPOSTA  
DE COMPENSAÇÃO PARA A MENINA FOSTER

Página 3

a Carelink se mantiver em operação, os cuidados médicos, psicológicos, e profissionais, continuarão a ser fornecidos através da Carelink, sujeitos aos requerimentos de rotina da Carelink, incluindo uma revisão anual do seu progresso. No caso de a Carelink vir a ser dissolvida em qualquer momento no futuro, serão estabelecidas alternativas apropriadas. Nos casos apropriados, as reclamações deverão continuar a ser feitas por vós e pela Emma através da Medicare e de seguros privados de saúde.

Queiram, por favor, dar-nos conhecimento atempadamente se é desejo da Emma aceitar a proposta. Assumindo que sim, tal como indicado acima, será então necessário que seja preparada uma escritura de fundo fiduciário.

Em caso de quaisquer esclarecimentos, não hesitem, por favor, em contactar o redator.

Com os melhores cumprimentos.  
**CORRS CHAMBERS WESTGARTH**

Richard Leder  
Sócio

segundo a teoria da arquidiocese, era de facto muito “improvável que uma vítima como Emma Foster pudesse demonstrar que alguém, que não O’Donnell [o qual já falecera então], fosse legalmente responsável do abuso sofrido por ela”, conta o advogado do cardeal. “Assim, pretendia-se dizer que, na decisão de aceitar a oferta ou continuar pelas vias legais [os Foster] deveriam ter considerado que no caso de contencioso a tese defensiva era muito sólida, e que aceitar a oferta proposta podia levar a uma saída melhor do que na alternativa de não aceitar a oferta e prosseguir o contencioso, perdendo-o.”

### *Os guardas (do cofre)*

**É** pena que a diocese de Pell tenha enormes responsabilidades no destino de Emma e das dezenas de vítimas do velho pastor. De facto, entre as hierarquias havia muitas pessoas que sabiam que o padre O’Donnell era um pedófilo, e mais do que um sacerdote, ao longo de muitos anos ignorou cartas e denúncias de filhos e pais chegadas às secretárias do presbitério. Se em 2014 um outro advogado da Igreja de Melbourne confirmou aos juízes que alguns eclesiásticos tinham conhecimento de acusações contra o orco que remontavam a 1958, e se um sacerdote chegara mesmo a ver Kevin na cama com um jovem rapaz já em 1950, uma das primeiras vítimas que teve a coragem de dar a cara e denunciar o padre, Damian H., explicou que “em 1986 queixei-me a dois padres pelo que me tinha sido feito, mas não quiseram saber o nome do culpado. Falei então com uma freira que me ouviu, e que escreveu à arquidiocese falando de O’Donnell. A carta foi ignorada. Por fim contei tudo à minha mãe. Também

ela denunciou tudo às autoridades da Igreja. Foi inútil: permitiram que o padre Kevin continuasse o seu ministério em Oakleigh até à reforma, aos setenta e cinco anos, em 1992”.

Alguns anos antes o pedófilo tinha prestado serviço na paróquia de Dandenong. Ali, uma outra vítima, Alan, contou que foi testemunha ocular da sua violência um dos párocos de Kevin: não obstante este testemunho, o vigário de Dandenong não tomou nenhuma iniciativa. Segundo a associação Broken Rites (que reconheceu centenas de denúncias na ilha, e combate há anos para obter justiça) ainda hoje o padre é titular de uma paróquia. Nessa mesma paróquia um outro abusado, Michel P. (o nome é inventado, porque muitos não querem que o seu nome seja difundido, e este livro — embora se baseie em documentos que demonstram a veracidade dos factos — respeita o pedido de anonimato das vítimas), avisou o bispo Arthur Fox das ações do padre Kevin, mas o monsenhor obrigou-o a calar-se e a não falar dos incidentes sexuais.

Eram muitos, pois, os que sabiam que o homem que violentou as irmãs Foster era um molestador que utilizava as missas, os casamentos e até os funerais para apanhar as suas presas. Durante cinquenta anos Kevin agrediu escuteiros e meninos de coro atrás do altar, nos presbitérios, nos bancos de automóveis e nos *drive-in*, corrompendo as crianças com ofertas e favores, ameaçando-as com anátemas sobre o pecado mortal, usando intimidações para induzi-las ao silêncio. Uma vítima contou aos voluntários de Broken Rites que o padre “teria desabotoado as calças do rapaz e acariciado os seus genitais, enquanto se masturbava, muitas vezes esfregando os seus genitais contra o rapaz nu. Diversas vítimas disseram que O’Donnell queria penetrá-los no ânus, mas que conseguiram evitá-lo”. E não havia ninguém que fizesse alguma coisa para o parar.

“Defender-nos-emos incansavelmente”, escreve o advogado de Pell aos Foster. Que, receosos com a ideia de perderem aquela

soma ridícula, decidem em 1998 aceitar a oferta pela filha mais velha. Trinta mil euros. Três mil euros por ano. Foi o que recebeu, na prática, pela rapariga antes da dose letal que em 2008 a fará esquecer, para sempre, as mãos e os olhos do padre Kevin.

Trinta mil euros, ou seja, cinquenta mil dólares australianos, eram na realidade a oferta máxima permitida pelo sistema de ressarcimento criado por Pell. Aumentada, em 2008, para 75 mil euros. Analisando os dados da administração da diocese de Melbourne descobre-se que entre 1996 e março de 2014 as cerca de trezentas vítimas que pediram indemnizações pelas violências obtiveram em média 32 mil dólares australianos por cabeça, cerca de 20 mil euros. O preço de um Fiat 500 com acessórios. Uma miséria, tendo em conta que a arquidiocese de Melbourne dirigida até 2001 por Pell (em março desse ano foi promovido a bispo de Sidney) é riquíssima.

De facto, controla duas sociedades, a Roman Catholic Trust Corporation e a Catholic Development Fund, que possuem fundos líquidos, propriedades imobiliárias como apartamentos e prédios, e fazem investimentos acionistas e obrigacionistas de dezenas de milhões. Somando o valor das receitas, só em 2013 foram encaixados, entre lucros financeiros e beneficência dos fiéis, mais de 108 milhões de dólares australianos, enquanto os bens atualmente controlados pela arquidiocese valem quase 1300 milhões. Na prática, para encerrar os fastidiosos contenciosos sobre os casos de pedofilia dos padres da cidade, Pell e os seus sucessores renunciaram a um montante total de 10 milhões de dólares australianos, equivalente a 0,7 por cento do património da diocese. Efetivamente, todas as vítimas que aceitavam a indemnização deviam assinar um documento em que se empenhavam a não empreender ulteriores ações legais. Nem contra a diocese nem contra outros sacerdotes.